

O seriado *Chaves* como expressão da teoria folkcomunicação¹

Suzanne MESQUITA²
Mirian MAGALHÃES³

Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo visa estudar e analisar os aspectos socioculturais que envolvem o seriado *Chaves*, sucesso no Brasil e em toda a América Latina, dentro da perspectiva da teoria folkcomunicação. O objetivo da pesquisa é analisar e compreender a motivação da audiência expressiva do povo brasileiro em relação ao programa, e pontuar características sociais comuns no âmbito nacional, para que assim possamos encontrar uma explicação para o sucesso tão significativo deste programa que já está no ar há mais de 40 anos e se mantém apenas de reprises.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Chaves; Comunicação; Cultura.

Introdução

O seriado *Chaves* cativa fãs e admiradores por todo o mundo desde a sua estreia, e a motivação para esse sucesso se dá pelo olhar original e incomum que o autor Roberto Bolaños empregou no seriado. *El Chavo del Ocho* (título original da série) está diretamente ligado a uma construção narrativa que sensibiliza há gerações.

Desde a sua primeira exibição aqui no Brasil, o programa foi ganhando espaço e conquistando cada vez mais espectadores. Apesar de inicialmente ter sido taxado como “infantil” e de “má qualidade”, com o aumento do investimento em melhorias na dublagem e na exibição, *Chaves* foi ganhando reconhecimento. Esse fenômeno hoje em dia é alimentado pelas mídias sociais e toda a série tem um grupo de seguidores que a cultuam.

A expansão do sucesso do seriado dá-se também pela distribuição em massa do programa em toda a América Latina, exceto Cuba, e também no mundo. De acordo com Santos *et al* (2015, p. 20), “no início, *Chaves* surgiu apenas com o foco de atingir o público adulto e não tendo a pretensão de agradar o público infantil”, porém, devido à

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UNISUAM, e-mail suzanne_mesquita@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNISUAM/RJ, e-mail mirianmmm@yahoo.com.br

expansão, sua popularidade se igualou entre todos os públicos. O programa El Chavo foi dublado em mais de 50 idiomas e transmitido em diversos países como Índia, China, Japão, Coreia, Tailândia, Rússia, Angola e Marrocos.

Com a análise dos aspectos históricos é possível compreender a magnitude do seriado que conquistou milhões de receptores. Em virtude disso, o foco do trabalho será analisar o conteúdo e os principais personagens da série, bem como seu poder de comunicação, além dos enfoques sociais inseridos no programa, utilizando como principal corpo teórico a folkcomunicação.

I. A teoria folkcomunicacional

A teoria da folkcomunicação foi desenvolvida pelo brasileiro Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) que definiu uma nova área de pesquisa no ramo de Teorias da Comunicação, tornando-se a primeira originalmente brasileira. Segundo Benjamin (2011) o estudo busca entender os meios de comunicação de um povo que não utiliza os meios formais para se comunicar, mas sim sua própria cultura popular, mais conhecida como folclore, para transmitir seus pensamentos.

A folkcomunicação se baseia em duas análises principais: folclore e comunicação. Dois termos distintos que, ao se juntarem em uma pesquisa, tomam um destaque significativo.

O estudo acerca do folclore é bem antigo e se baseia em análises substanciais para decifrar costumes e culturas híbridas que constituem uma sociedade. As concepções sobre o que é folclore foram discutidas no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, no qual a Carta do Folclore Brasileiro foi anunciada. Apesar de conter análises consistentes sobre folclore, a Carta foi modificada e melhorada em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, quando uma releitura foi realizada:

Os conjuntos das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade (BENJAMIN, 2007, p. 29).

Uma análise construída por Benjamin (2007) apresenta esses tópicos empregados pelo Congresso Brasileiro de Folclore e conceitua cada aspecto.

O primeiro tópico de **aceitação coletiva** se baseia em uma cultura que está no gosto popular, onde a massa se identifica e pratica. “[...] há aceitação coletiva, quando passa a ser considerado patrimônio comum do grupo e ocorrem adições, variações e reinterpretções” (BENJAMIM, 2007, p. 29). Ou seja, tudo o que é acolhido por um povo como costume cotidiano.

O segundo tópico de **tradicionalidade** é constituído pela “tradição que é a matriz do fato folclórico, a qual as recriações e renovações devem ser fiéis” (BENJAMIM, 2007, p. 30). Um costume ou prática tradicional é composto por anos de herança cultural que envolve uma sociedade, esse tópico se faz importante devido ao seu apego ao legado de uma história, que, mesmo com mudanças e renovações, deve ser preservada. Um exemplo de tradicionalidade descrito por Benjamin (2007) são as gírias, que se renovam com o passar dos tempos, mas nunca perdem sua essência.

O terceiro tópico de **dinamicidade** expressa a constante mudança que toda cultura está sujeita, cada prática e costume passa por dinamismo, uma desenvoltura com o passar do tempo, “não permite a admissão do entendimento do folclore meramente como uma sobrevivência do passado” (BENJAMIM, 2007, p. 30). Existe uma renovação no folclore, inserção de novos hábitos que só enriquecem a cultura.

A **funcionalidade**, quarto e último tópico, engloba os principais contextos, social, econômico e político, fazendo com que a propagação da cultura folclórica seja expressiva. “As técnicas de cestaria e de cerâmica utilitária, que tiveram o seu mercado tradicional reduzido, [...] encontraram a sua sobrevivência na mutação da função de utilitário para decorativo” (BENJAMIM, 2007, p. 31).

De acordo com Benjamin (2007), existem duas outras características que também podem ser acrescentadas para explicar um processo folclórico, que são a **espontaneidade** e a **regionalidade**. A **espontaneidade** é citada para observamos que uma cultura não nasce a partir de leis e decretos, mas sim de costumes e práticas preservados por um povo através do legado que é passado de geração a geração. É algo que nasce dentro de cada um, uma expressão, uma fala, um gesto. Já o aspecto de **regionalidade** se baseia no estudo do desenvolvimento de uma cultura dentro de localidades específicas, onde cada povo possui a sua característica, sua particularidade, a origem de cada grupo é a mesma, mas existem múltiplas variações de um mesmo costume.

Ao levar em consideração esses aspectos acerca do folclore, é possível observar uma cultura híbrida que, dentro do estudo da folkcomunicação, aparece para desmistificar uma sociedade e explicar seus meios de se expressar e de transmitir práticas e costumes da massa.

II. A comunicação dos “marginalizados”

Partindo do pressuposto de que uma sociedade se comunica a partir de suas manifestações culturais, a teoria folkcomunicacional tem como objetivo entender os processos comunicacionais centralizados nessas ações. De acordo com Shmidt (2007), a área das ciências humanas carrega uma vasta análise de comportamentos e ações de um indivíduo, por isso qualquer estudo que envolva essa área terá como foco principal o ser humano. Entender as ações do homem nos âmbitos natural, social e material, leva a uma compreensão dos significados culturais inseridos no ser humano.

Luiz Beltrão (2001) começou a verificar os agentes comunicadores de fora do sistema convencional e associou a sua teoria também com a proposta original de Katz e Lazarsfeld⁴, “a teoria da comunicação em duas etapas”. O raciocínio principal desta tese é de que a transmissão da mensagem se dá em dois tempos: o primeiro acontece quando a informação chega a um tipo de líder de opinião que fica responsável por traduzir e decodificar a mensagem para, em um segundo momento, retransmiti-la para terceiros. A teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão (2001) oferece uma visão otimista e inovadora para as classes populares, através de um olhar preciso sobre suas manifestações folclóricas potentes.

A mídia toma um papel importante quando o assunto é dissipação de ideologias e comportamentos, porém o estudo da folkcomunicação se consolida para analisar a influência de grupos de massa na reprodução de suas culturas e costumes através da mídia. Segundo José Marques de Melo (2007, p.21), a teoria folkcomunicacional “caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”.

Ao longo dos anos a mídia vem se consolidando quanto à profunda informatização nos processos comunicacionais, que ocasionou uma maior credibilidade

⁴ A fórmula de Lasswell foi criada pelo estudioso de comunicação Harold Lasswell em 1948, com o objetivo de proporcionar mais clareza ao texto jornalístico por se tratar de uma maneira mais direta de informação.

e influência de seus emissores junto ao público-alvo. Com isso, as manifestações culturais têm cada vez mais espaço neste canal. As referências folclóricas de diversas localidades, sejam nacionais ou mundiais, trazem consigo uma potência decisiva na criação de conteúdos midiáticos, como novelas, seriados, programas de TV, reportagens de jornal, *reality shows*, etc. De acordo com Shmidt (2008), esta inserção midiática possui aspectos decisivos quanto à aceitação do público, que são a interatividade, diversidade e globalidade.

Com a **interatividade** o receptor possui um poder máximo de decisão quanto ao conteúdo que irá acompanhar, estabelecendo uma boa conexão junto ao emissor. O tópico de **diversidade** é o que melhor pode resultar na empatia do público com o emissor, pois um mesmo conteúdo pode ser apresentado de diversas formas, usando linguagens diferentes para atrair a massa. A **globalidade** citada por Shmidt (2008) se refere ao alcance da mensagem que rompe barreiras sociogeográficas, podendo chegar a diversos povos espalhados pelo mundo.

O objeto de estudo deste artigo se enquadra em dois destes aspectos, a diversidade e a globalidade. O seriado Chaves possui um conteúdo diversificado que vale tanto para o entretenimento de uma criança de cinco anos, quanto para o de um adulto de trinta. E esse conteúdo se tornou universal devido à satisfação que o público obteve ao consumir um material de tamanha pluralidade.

Esse tipo de comportamento da mídia mostra uma inserção gradual de usos e costumes de uma massa que representa uma migração de conteúdos, no qual o receptor passa a ter a chance de se tornar o emissor e com isso fortalecer e ampliar seu folclore. É importante destacar que essa troca de posições favorece não só a extensão de uma cultura, mas sim uma massificação de conhecimentos por parte da mídia.

Almeida (2003, p.2-3) cita em seu trabalho que Luiz Beltrão “identifica uma série de manifestações artísticas e folclóricas pelas quais a massa se comunica e a opinião se manifesta”. O autor da teoria folkcomunicacional sugere que é por meio delas que “surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as ideias motrizes capazes de, em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz” (BELTRÃO, 1965, p.9-10).

Contudo, essa análise do comportamento midiático em relação à cultura se fez necessária para o aprimoramento do estudo de Luiz Beltrão por se tratar de um aspecto importante da folkcomunicação. A indústria cultural necessita sustentar-se

constantemente do folclore popular por ser um meio confiável de êxito, com a identificação do receptor com o seu meio de viver.

III. Os Estudos Culturais

A teoria folkcomunicação está diretamente ligada aos Estudos Culturais, um campo das ciências humanas que estuda as relações do homem com o mundo dentro de processos culturais, e analisa a realidade social sobre estruturas coletivas.

Os autores Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall se aliaram à Nova Esquerda Inglesa⁵ e, de acordo com o Guilherme Fernandes (2011, p.3-4), buscaram em Karl Max novas contribuições para seus estudos. Fernandes também menciona em seu trabalho as três principais contribuições de Max para os Estudos Culturais, citadas por Richard Johnson (2006, p.12-13): “1. os processos culturais estão intimamente vinculados às manifestações sociais” este tópico está ligado às classificações de idade, raça, status social e divisões sexuais que contribuem para um entendimento superior de uma sociedade. “2. cultura envolve poder” esse tipo de divisão social contribui para um equilíbrio da sociedade. “3. cultura não é um campo autônomo, mas um local de diferenças e de lutas sociais” não existe apenas uma forma de cultura, mas sim um campo vasto de manifestações culturais que refletem os usos e costumes de determinados grupos.

Os Estudos Culturais buscam analisar uma sociedade a partir de seus hábitos e práticas que podem representar suas origens. Os tópicos citados acima são apenas um dos variados caminhos que esse tipo de pesquisa pode tomar. O campo das ciências humanas é vasto e ainda não foi amplamente estudado, por isso, estudos, como o da folkcomunicação, são muito importantes para o desenvolvimento do pensamento humano em relação às suas próprias condutas, fazendo com que a sociedade adquira mais conhecimento em relação ao seu lugar no mundo.

O conceito de representatividade tratado por Stuart Hall (1997) na obra *The Work of Representation* desenvolve a ideia de que a cultura é um conjunto de significados compartilhados partindo do pressuposto da linguagem como processo de significação. Para Hall (1997) é através de falas e pensamentos que apresentamos uma representação, que damos significado a alguma coisa. Ou seja, o que fazemos é dar

⁵ Movimentos sociais que aconteceram na década de 60, onde um grupo de intelectuais britânicos se levantou contra as políticas de direita e implantou novas direções para as críticas sociais adotando as análises de Karl Max.

significados a objetos, pessoas e produtos midiáticos de acordo com a estrutura de interpretação que trazemos. Ligando este tema com objeto de estudo deste trabalho, será possível fazer uma análise sobre a importância que o conceito de representatividade obtem na determinância do sucesso do seriado Chaves no Brasil.

Roberto Bolaños escreveu e produziu um seriado que possui diversas características culturais do folclore mexicano, por isso o estudo e compreensão da teoria folkcomunicação se faz necessário para compreender e explorar as manifestações populares que podem ter grande influência no sucesso que o seriado causou, não só no México, mas em toda a América Latina e no mundo.

IV. Foi sem querer, querendo!

A partir de agora alguns episódios do seriado Chaves serão analisados e também serão destacadas as características folkcomunicação inseridas, inclusive nos personagens. Através desta análise os conceitos de sociedade no âmbito brasileiro serão discutidos, buscando entender o que é despertado nos espectadores brasileiros para que o seriado alcance, desde a sua primeira exibição até hoje, sucesso de audiência, e que ainda motive muitos fãs e seguidores a consumi-lo.

O seriado Chaves surgiu em meio a uma turbulência política, explosão demográfica e ao processo de urbanização mexicana, fatores que juntos provocaram o empobrecimento de parte da população. O programa relata diretamente esse processo de urbanização e pobreza do povo do México, mas em nenhum momento se refere à política ou ao governo estabelecido na época.

Por ter sido produzido e exibido no México, Chaves apresenta uma mistura de representações culturais, como o próprio cenário da habitação dos personagens, a chamada *vencidad*, ou vila como foi traduzido pela dublagem. O espaço retrata uma residência típica do México, na qual as pessoas se aglomeram em habitações humildes. Esse é um dos aspectos que fazem com que o seriado se ligue à cultura brasileira, pois as “vilas” representadas no programa mostram uma semelhança intrínseca com as favelas e comunidades que cercam as cidades do Brasil. Uma das formas de representatividade identificadas, devido às semelhanças de localidade.

Alguns episódios são marcados por valores conservadores ainda inseridos na sociedade (ressaltando que o seriado é ambientado na década de 70), porém esses valores são apresentados de forma humorística e sem representar apenas um lado, como

nos episódios *O dia internacional da mulher*, de 1975, e *O concurso de Miss Universo*, de 1978, nos quais o tema “Liberação Feminina” é retratado. No primeiro episódio citado, Quico e Chaves estão brincando de jogar beisebol quando Chiquinha aparece e pede para brincar também. É aí que Chaves intervém e diz: “Não, as mulheres não jogam beisebol”. Então Chiquinha retruca: “Como? Então você ainda não ouviu falar da liberação da mulher feminina?”.

Esse fato histórico retratado no programa foi conhecido como Revolução Sexual (chamado no programa de Liberação Feminina), que aconteceu entre as décadas de 60 e 70. Esse movimento “diz respeito à liberalização de determinados códigos mais restritos das condutas – sobretudo os das mulheres – e a uma maior liberdade em tratar publicamente o tema da sexualidade” (HEILBORN, 2006, p. 48). O movimento gerou manifestações no mundo todo, principalmente entre as mulheres, que pediam a igualdade de gêneros e reformulações de padrões culturais relacionados à sexualidade humana.

Bolaños, autor e intérprete de Chaves, foi muito ousado ao retratar em um programa teoricamente infantil assuntos de tamanha relevância social. Não podemos afirmar se foi proposital ou não, mas a forma de lidar com o assunto foi demasiadamente feliz. Após questionar Chaves sobre seu conhecimento acerca do movimento feminista, Chiquinha completa seu questionamento pronunciando a seguinte frase: “Isso que dizer que nós, mulheres, não temos mais que pedir permissão aos homens para cometer as barbaridades que cometíamos quando não nos davam permissão...”. Essa frase demonstra a visão do autor sobre o tema, com o propósito de mostrar ao público um assunto importante, mas de forma humorística, como podemos verificar a partir da frase dita em sequência pela Chiquinha, após Quico perguntar o significado de sua alegação: “Significa que de hoje em diante as mulheres vão sair para trabalhar e os homens é que vão ter os filhos”.

A relação cultural entre homem e mulher no seriado Chaves é extremamente natural, quando ambos se mantêm juntos devido ao amor, paixão e admiração, e não por necessidade ou interesse. As mulheres apresentadas no programa são devidamente autossuficientes e independentes. Como exemplo há Dona Florinda, que cria o filho sozinha e ditando suas próprias regras. A questão é que Bolaños se mostra bem preocupado em tratar assuntos como esse, mesmo que de forma simples, visando estabelecer uma relação com a atualidade. Hoje em dia esse tema ainda é muito

discutido, o que faz com que o seriado se mostre atual e também ainda demonstre representatividade.

V. Os personagens e a crítica social

Para fortalecer a pesquisa teórica e proporcionar um embasamento mais satisfatório, o artigo *O seriado El Chavo del Ocho como um produto folkcomunicação*, que descreve a sociedade mexicana descrita por Octávio Paz e escrito por Dennis Renó (2009), será usado como base para dar suporte ao estudo sobre os aspectos socioculturais inseridos na série. Baseado nos escritos do autor Octávio, Renó (2009) apresenta traços da personalidade mexicana nos personagens e discute suas características principais de formação e massificação, buscando a real motivação de Bolaños.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Renó, porém com análises próprias, referências socioculturais serão traçadas, mas que se encaixem nas concepções folkcomunicaçãois. Para isso, será feita uma analogia dos personagens da série Chaves com os personagens brasileiros descritos por DaMatta (1986) em *O que faz do brasil, Brasil?*. Uma ponte será construída ao longo do texto, que se tornará sólida à medida que as características dos personagens se fizerem presentes também nos brasileiros. Para esse fim serão analisados cinco personagens principais do seriado, são eles: Seu Madruga, Chiquinha, Dona Florinda, Seu Barriga e por fim, Chaves.

O personagem Seu Madruga (originalmente chamado de Don Ramón) foi interpretado pelo ator Ramón Valdés. Este personagem possui diversas características que o ligam à cultura brasileira. Seu Madruga é um típico trambiqueiro⁶ que já passou por diversas profissões, como sapateiro, cabeleireiro, pintor, vendedor de balões e até mesmo empresário internacional. É um homem de bom coração, que está sempre disposto a ajudar. Seu Madruga também é apreciado devido a sua visão otimista da vida, e por expressar duas frases bem famosas e repercutidas: “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena” e “As pessoas boas devem amar seus inimigos”. Essas frases carregam consigo um valor social muito importante, tanto para época das primeiras exposições do seriado, quanto, principalmente, para os dias de hoje. Mais uma prova dos

⁶ De acordo com o Google, “trambiqueiro” é uma palavra que caracteriza um indivíduo que aplica ou dá trambique(s); golpista; vigarista.

valores socioculturais que estão embutidos no seriado Chaves e que fizeram Bolaños ficar bastante empolgado ao criar o personagem do Seu Madruga:

[...] Don Ramón, um dos personagens mais graciosos que cercaram o Chaves. Ele desempenhou o papel de um desses caras que escondem suas múltiplas insuficiências por trás de uma tela de enorme simpatia. Ele era preguiçoso, sem educação, selvagem, etc., mas possuidor daquela graça natural que identifica o latino e daquela inteligência que invariavelmente o ajudou a sair do pior dos atoleiros. Por exemplo: ele nunca pagou o aluguel da casa que ocupava no bairro modesto, ao lado de sua filha, a Chiquinha (2006, p.99, tradução do autor da pesquisa).

Seu Madruga expressa uma realidade vivida diariamente no Brasil por pessoas que vivem de empregos temporários, arranjando “bicos” para sustentar a família e sempre dando um “jeitinho” para se dar bem, mas que mesmo assim não perdem a fé e continuam com um sorriso no rosto. Tal comportamento tipicamente brasileiro é relatado por DaMatta (1986, p.66):

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar [...] É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; [...] Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas [...].

Chiquinha (Maria Antonieta de las Nieves) é a filha do Seu Madruga que vive arrumando confusão e se acha independente e bem esperta. Cheia de sardas, baixinha e de bastante atitude, Chiquinha representa a pessoa sagaz, manipuladora, astuta, que sempre (ou quase sempre) consegue o que quer. Esse tipo de representação pode funcionar não só no Brasil, mas também em todo o mundo. Ao contrário do Seu Madruga, que apresenta tipicamente um “jeitinho” brasileiro, a Chiquinha já possui uma característica universal, mas que pode se encaixar fielmente em um dos aspectos da sociedade brasileira: a malandragem. DaMatta (1986, p.68) trata este termo como “outro nome para a forma de navegação social nacional”:

O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal e as leis que engendram – no caso da malandragem – o uso de “expedientes”, de “histórias” e de “contos-do-vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos [...].

Dona Florinda (Florinda Meza) é a mãe superprotetora do personagem Quico, viúva e que sempre está com um mau humor inexplicável. Por já ter pertencido à alta sociedade, Dona Florinda trata os vizinhos da vila com superioridade e até com desprezo, o que causa certa contradição devido ao fato de todos dividirem o mesmo espaço. A personagem vive um conflito diário com o Seu Madruga, que, como já analisado aqui, representa o famoso “jeitinho” brasileiro. Assim, a representação da personagem da Dona Florinda está na burguesia que combate a minoria de forma rígida, utilizando-se da forma mais clara de superioridade: “Você sabe com quem está falando?”. DaMatta (1986, p.68) retrata este tipo de pessoa como alguém que se resguarda do argumento da autoridade.

[...] aqui, ao contrário do jeitinho e quase como o seu simétrico e inverso, não se busca uma igualdade simpática ou uma relação contínua com o agente da lei que está por trás do balcão. Mas, isso sim, busca-se uma hierarquização inapelável entre o usuário e o atendente. De tal modo que, diante do “não pode” do funcionário, encontra-se um “não pode do não pode” feito pela invocação do “sabe com quem está falando? Sou filho do Ministro!”, e pronto!, gera-se logo um tremendo impasse autoritário que dependerá, para a sua solução, dos devidos trunfos de quem está implicado no drama.

O senhor Barriga, interpretado por Édgar Vivar, é o dono da vila onde mora a maioria dos personagens. Seu fardo é que sempre que chega na vila para cobrar o aluguel dos inquilinos é recibo por uma pancada dada por Chaves. Além de ser enganado quase toda vez pelo Seu Madruga com a promessa de receber os quatorze meses de aluguel, Seu Barriga vive ouvindo piadas sobre o seu peso. Bolaños conceitua o personagem do Senhor Barriga com muito carinho:

[...] seus problemas não foram reduzidos ao fracasso na arrecadação de aluguéis, mas também a infelicidade o selecionou como vítima fortuita de muitos dos danos ou imprudências cometidos pelas crianças do bairro. A imprudência, quase sempre provocada por Chaves, foi o que gerou a expressão que mais tarde se popularizou: - Tinha que ser o Chaves de novo! - Obviamente, sua raiva estava representando a impressão mal-humorada que todos tinham, até que o público descobriu que por trás daquela aparência havia um homem que espalhou bondade, ternura e, acima de tudo, indulgência. Sua mão se esticou para exigir pagamento, mas seu coração se encolheu para perdoar a dívida (BOLAÑOS, 2006, p.102, tradução do autor da pesquisa).

O interessante deste personagem é que, mesmo passando por tantas humilhações, em momento algum ele se abate, pelo contrário, segue generoso e bondoso com todos a sua volta. Seu Barriga pode ser considerado como a melhor figura humana dentre todos, justamente por suportar as injustiças que sofre e continuar revidando o mal com o bem. Este tipo de característica está ligado diretamente ao carácter destinado ao personagem, que, trazendo para a cultura brasileira, representa a identidade nacional em sua essência, pela qual o povo brasileiro é conhecido mundialmente, ou seja, por ser um povo acolhedor e gentil. DaMatta (1986, p.12-13) também retrata essa realidade:

Quando eu defini o “brasileiro” como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim. [...] Isso indica claramente que é a sociedade que nos dá a fórmula pela qual traçamos esses perfis e com ela fazemos desenhos mais ou menos exatos. Tudo isso nos leva a descobrir que existem dois modos básicos de construir a identidade brasileira: o de fazer o Brasil, Brasil...

A análise agora volta-se ao personagem principal do seriado. Chaves, interpretado por Roberto Bolaños. Ele é um menino travesso e espirituoso que vive na casa de número oito da vila, e tem um barril para usar de refúgio. Ninguém sabe o verdadeiro nome do personagem, visto que “Chaves” é apenas uma adaptação brasileira para “Chavo” que em espanhol significa “menino”. Chaves é uma criança pobre e que vive com fome, por isso seus momentos mais engraçados no seriado são quando se delicia com alguma comida, principalmente se for um sanduíche de presunto. Bolaños (2006, p.98, tradução do autor da pesquisa) relata as características marcantes do personagem:

[...] Chaves foi o melhor exemplo de inocência e ingenuidade de uma criança. E muito provavelmente, essa característica foi o que gerou o grande afeto que o público passou a sentir por Chaves; carinho não só refletido nos aplausos, sorrisos e comentários de pessoas, porque tudo isto deve ser adicionado às centenas de pessoas (crianças e adultos) que levavam ao palco um "sanduíche de presunto", um par de sapatos, brinquedos, etc.

O personagem Chaves apresenta o que pode ser considerado como a maior crítica social feita pelo programa. O personagem foi idealizado para representar o

estereótipo da criança órfã e com fome que está presente em toda a América Latina. Além desta condição, Chaves também sofre com rejeição e preconceitos, sendo tratado muitas vezes com inferioridade, mas mesmo assim continua otimista e não perde a esperança. DaMatta conceitua esse tipo de pessoa no perfil brasileiro também como um espécie de “malandro”, porém de características diferentes às relacionadas a personagem da Chiquinha:

[...] trata-se mesmo de um modo profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres (DAMATTA, 1986, p.71).

É um meio de vida que exige otimismo e paciência. Chaves representa toda uma sociedade que está envolta em um sistema público que deveria funcionar e oferecer demandas básicas para o melhor desenvolvimento humano, mas que não é exercido. Existem milhões de brasileiros que vivem à margem da sociedade esperando para receber um pouco do que lhe é prometido pelo poder público. Por isso, essa pode ser considerada a maior crítica social do seriado, por representar não só o povo mexicano e toda a sua carência, mas sim um mundo de exclusões que acontecem em todo o mundo. Baseado nas análises de DaMatta (1986), podemos perceber que existem muitos aspectos que ligam o seriado Chaves à cultura brasileira. Isso mostra que a representatividade que ocorre pode estar diretamente ligada ao sucesso do menino da casa oito no Brasil.

Considerações finais

O seriado Chaves possui características socioculturais que são muito bem exploradas em cada personagem, por isso, de uma forma geral, o programa oferece uma identificação nacional, por conter elementos que ligam a cultura mexicana apresentada no programa com a cultura brasileira, resultando assim um olhar de representatividade por parte do espectador brasileiro.

A identificação, a afinidade com um programa, uma música ou com uma maneira de se vestir promove uma maior propagação desse conceito. Se uma pessoa se interessa por algo e acredita que aquilo é tão bom que merece ser compartilhado, o próximo passo será a propagação, a disseminação da ideia. Ao chegar ao Brasil, Chaves

trouxe em sua bagagem um amplo acervo de identidade, cultura, representação e encontrou nos brasileiros um hospedeiro garantido para a expansão do seu sucesso.

Ao buscar a resposta para a pergunta motivadora deste trabalho na teoria folkcomunicacional, que estuda a inserção da cultura e do folclore popular nos meios de comunicação de massa, foi possível comprovar, ao fazer a ligação da teoria com o seriado de televisão Chaves, que o programa está diretamente associado à propagação de ideias e valores relacionados à cultura mexicana e também à brasileira.

Esse tipo de estudo se faz necessário para buscar compreender como os produtos da indústria cultural conseguem conquistar o público de maneira tão direta e persuasiva. Compreender esse estilo de comunicação é essencial para buscar um equilíbrio entre o receptor e o emissor, com o intuito de gerar uma massificação de conteúdos apropriados e de grande valor nacional.

O estudo teve o objetivo de mostrar que o seriado Chaves não é apenas uma obra de entretenimento, mas sim a representação de uma sociedade marginalizada que busca seu espaço no mundo. As características socioculturais inseridas no programa demonstram um lado humano e cativante que foi precisamente marcado em cada episódio.

É esperado que a pesquisa sirva para fomentar os estudos sobre a influência midiática que nos cerca e para aumentar o desenvolvimento da comunicação, com o objetivo de entender fenômenos comunicacionais como o seriado Chaves.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo de. **Folkcomunicação:** de comunicação dos “marginalizados” a meio de expressão dos dominados. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, setembro de 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias.** Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BENJAMIN, Roberto. Folclore *In* GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

_____. **Folkcomunicação**: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação, 8-9, 2011.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Sin Querer Queriendo**. Espanha: ed. Aguilhar, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1986.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Aproximações teóricas e empíricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais**. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 1,

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 14, nº 1, janeiro-abril/ 2006.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação In GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

RENÓ, Denis Porto. **O seriado El Chavo del Ocho como um produto folkcomunicação que reflete a sociedade mexicana descrita por Octávio Paz**. Revista Internacional de Folkcomunicação 7.14, 2009.

SANTOS, Adriana; SALES, Roseni; FERREIRA, Raquel. **A audiência do “Chaves”: motivos, usos e gratificações**. Revista Alterjor: jornalismo popular e alternativo, São Paulo, ano.06, vol.02, nº 12, junho/dezembro de 2015.

SHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina. **Revista Bibliocom**, vol. 1, nº 1, novembro/dezembro de 2008.

_____. Teoria da Folkcomunicação In GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.